

Campo Escolar de Pilar do Sul: um olhar sobre as práticas escolares 1934-1976

Adriana Aparecida Alves da Silva¹

José Roberto Garcia²

Wilson Sandano³

Pilar do Sul é uma cidade do interior do Estado de São Paulo, com economia baseada na produção e comercialização agrícola. Sua origem e o início do processo de urbanização foi marcado pelo transitar dos tropeiros, mineiros e imigração japonesa.

Os tropeiros que vinham do sul trazendo os muares e paravam na região onde hoje é Pilar do Sul, para descansar, caçar e até comercializar as mulas antes de chegarem à cidade de Sorocaba, pois as mulas trazidas de outros Estados quando chegavam a Sorocaba, os proprietários eram obrigados a pagar taxas para prosseguir viagem. Desta forma a região que atualmente é Pilar do Sul era um local propício, pois ficava próxima a Sorocaba e havia uma grande abundância de água e caça. Desse transitar dos tropeiros e também da doação de terras realizada pelo mosteiro de São Bento, localizado em Sorocaba, para algumas famílias mineiras as margens do rio Sarapuí, inicia-se um povoamento. As famílias mineiras vindas principalmente de Ouro Preto e São João Del Rei, chegaram trazendo a esperança de encontrar ouro na região, mas o metal precioso não existia e estabeleceram-se vivendo principalmente da agricultura de subsistência. Também trouxeram a imagem e a devoção a Nossa Senhora do Pilar que é uma das vertentes do nome da cidade. A outra hipótese para o nome da cidade era que os tropeiros quando paravam nessa região caçavam e pilavam as carnes e esse hábito tornou-se freqüente e então sempre combinavam a parada no “Pilar”.

O processo de urbanização de Pilar do Sul inicia-se com a inquietude da população para conseguir a emancipação política que foi conquistada em 1936, ou melhor dizer, com o interesse e reivindicação de abrir um grupo escolar em Pilar do Sul em 1922.

¹ Doutoranda em Educação; UNISO – Universidade de Sorocaba;

² Doutorando em Educação; UNISO - Universidade de Sorocaba;

³ Doutor em Educação; UNISO – Universidade de Sorocaba.

Esse processo de urbanização tem seu estopim em meados da metade do século XX com o estabelecimento de serviços como energia elétrica, criação de escolas, ampliação da produção agrícola, criação de instituições e a chegada da imigração japonesa, que trouxe transformações significativas, não só mudanças para economia rural, com novas formas de cultivar e comercializar, mas novos modos de viver e pensar⁴, que foram recebidos com euforia, estranhamento, resistência e até revolta.

A presença e o aumento da imigração japonesa em Pilar do Sul modificam o meio social, pois alteram relações, as práticas e o cotidiano como um todo.

No bojo dessas relações sociais a educação escolar de Pilar do Sul, a princípio caracterizava-se pelo modelo de escolas isoladas que funcionavam em precárias acomodações, fossem instaladas na casa do próprio professor, improvisadas em paróquias ou em salas alugadas em locais pouco apropriados, sem iluminação adequada, mobiliário e higiene, com um método individualizado. Em Pilar do Sul essa configuração de escola foi substituída pelo Grupo Escolar Padre Anchieta em 1934 (Dec. De 16 de janeiro de 1934) que foi a única escola graduada na cidade até 1959 quando o Ginásio Estadual de Pilar do Sul foi fundado.

Transitando entre essas duas escolas, a Escola de Língua Japonesa era uma escola que funcionava sem autorização legal, sendo legalizada na década de 60.

O Grupo Escolar Padre Anchieta, a Escola de Língua Japonesa e Internato e o Ginásio Estadual de Pilar do Sul compõem o campo escolar de Pilar do Sul no período de 1934-1976.

O conceito de campo segundo Bourdieu (2001, p.129) representa um espaço social de dominação e de conflitos. O campo é delimitado pelos valores ou formas de capital que lhe dão sustentação. A dinâmica social no interior de cada campo é regida pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e distribuição das formas de capital específico. São produtos da história das suas posições constitutivas e disposições que elas privilegiam. Bourdieu (1987, p. 56) também destaca que os campos se interpenetram se inter-relacionam. Por exemplo, o campo escolar e o campo social são distintos, mas não independentes. Do campo escolar, que é orientado para a sua própria reprodução, emanam os trabalhadores, os intelectuais, os agentes do campo social, com as suas orientações particulares.

⁴ Cf Williams, Raymond, *Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 304 – 346.

Baseados nesses pressupostos, investigamos o campo escolar de Pilar do Sul no período 1934-1976, buscando compreender as relações dessas escolas com a sociedade local e quais as transformações na cultura escolar após a chegada da imigração japonesa. Parte dos resultados dessa investigação será apresentada neste trabalho.

Desta forma este artigo apresenta algumas facetas da história das escolas que compõem o campo escolar de Pilar do Sul: Grupo Escolar Padre Anchieta, Escola de Língua Japonesa e Internato, e Ginásio Estadual de Pilar do Sul, no período 1934, ano de fundação do Grupo Escolar Padre Anchieta, a 1976, ano que o campo escolar foi redefinido devido a implementação da lei nº 5692 de 1971. Busca-se compreender as práticas dessas escolas, como parte das “culturas escolares”.

“Culturas escolares” entendidas como um conjunto de teorias, idéias, princípios, normas e pautas sedimentadas ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras de um jogo compartilhadas pelos atores que governam a prática e organização escolar constituída historicamente. Culturas escolares, pois cada escola é única e ainda pode se destacar a cultura dos professores, a cultura dos alunos, a cultura das famílias entre outras (VINÃO, 2003).

Segundo Julia, pode se descrever cultura escolar:

como um conjunto de normas que define conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidade que podem variar segundo as épocas. (JULIA, 2001, p.10)

Foram utilizadas diversas fontes (escritas, orais e iconográficas) considerando a especificidade de cada documento, seguindo orientações de Lê Goff (1990), que rompe com a idéia de prova isolada e apresenta o documento como produto de uma sociedade que o fabricou segundo suas relações de forças. Dentre as fontes utilizadas é importante destacar as fontes orais e iconográficas.

Em relação às fontes iconográficas, utilizamos fotos que foram considerados como suportes de experiências e memórias. Segundo Mauad:

as imagens não falam por si mesmas, interpretar seus significados, atribuir-lhe valor estético, compreender suas representações sociais, descrever seus espaços de sociabilidades comportamentos subjacente, identificar seus personagens, tudo isso obriga ao estudiosos das imagens do passado o

recurso a outras fontes de informação. Dentre estas, o relato oral, quando possível, é o que mais se acomoda às tramas da memória (MAUAD, 2009, p.03).

O entrelaçamento das diversas fontes, entre elas, a fonte oral e as imagens permitiu a interpretação das memórias e suas imagens.

Fruto deste constante diálogo e confronto com as fontes garimpadas, apresentaremos de forma breve e resumida uma das facetas da história da fundação de cada escola que compõe o campo escolar de Pilar do Sul enfatizando algumas de suas práticas escolares.

O Grupo Escolar Padre Anchieta

O Grupo Escolar de Pilar do Sul foi fundado em 1934 (Dec. de 16 de janeiro de 1934), com 223 alunos matriculados. Em 1940 passou a ser denominado de Grupo Escolar “Padre José de Anchieta” e contava, então, com 134 alunos matriculados.

Até o ano de 1940, o Grupo Escolar não possuía prédio próprio, mantinha suas atividades em um prédio alugado pela Prefeitura Municipal.

No dia 12 de maio de 1941, data do 50º aniversário de fundação de Pilar do Sul foi inaugurado o prédio do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, na presença dos senhores professores e autoridades.



Figura 01 – Prédio do Grupo Escolar “Padre Anchieta” na década de 50
Fonte: Arquivo da E. E. “Padre Anchieta”.

Analisando as diversas fontes percebe-se que o prédio do Grupo Escolar era modesto, não possuía uma arquitetura suntuosa, nos moldes dos modelos Europeus. Comparado com outros prédios de grupo escolar construídos em períodos anteriores e em localidades com mais prestígio econômico e político no Estado, percebe-se que é um prédio modesto e construído pelo Estado sob medida para um local considerado rural.

Era um prédio com poucas salas, seguindo orientações e ideais de um espaço escolar considerado adequado para época e apesar de ser uma escola mista, mantinha espaços e regras disciplinares para separar os gêneros.

As regras disciplinares eram sempre rígidas, pois consideram que com disciplina o desempenho e o empenho dos alunos melhoravam. As atividades previstas do programa almejavam a formação integral do aluno e para isso era essencial um comportamento disciplinado dentro e fora do Grupo Escolar. O bom comportamento implicava na aquisição de bons hábitos morais.

Os alunos deveriam seguir as regras de disciplina na vida cotidiana, pois só assim amadureceriam hábitos morais, sociais e cívicos. O aluno que infringisse alguma regra era tido como indisciplinado e para corrigir esta postura era castigado.

Os castigos, principalmente corporais, eram a forma de recriminar e corrigir o aluno que não seguia as regras. Quando as regras não eram cumpridas dentro ou fora do Grupo Escolar, os pais eram chamados, para serem informados sobre o que havia ocorrido e a criança era castigada pelo professor e pelos pais em casa.

Os castigos corporais mais frequentes eram ajoelhar no milho, bater nos alunos com a régua, obrigar o aluno a ficar em pé encostado na lousa com os braços abertos e bater em suas pernas com a régua, ficar encostado na parede com os braços abertos segurando livros, lavar os pés com cacos de telhas, bater na cabeça do aluno, entre outros. Os castigos morais mais comuns eram xingamentos, humilhações ressaltando as dificuldades dos alunos na lousa.

Em 1947, o diretor Ludgero da Costa e Silva, em uma das reuniões pedagógicas, orienta os professores sobre como manter a disciplina dos alunos:

Foram abolidos os castigos severos nas escolas. Os castigos físicos dão margem a processo aos professores que os praticarem. Os castigos devem ser morais. Os gritos do professor, em classe, na ocasião das lições, são antipedagógicos. As crianças, principalmente na zona rural, amedrontam e não aprendem, perdem o estímulo, pois não querem ir à escola, pois tem medo do professor (ATA DA REUNIÃO PEDAGÓGICA, 1947, p. 44).

Apesar das freqüentes recomendações do diretor do Grupo Escolar “Padre Anchieta” para que os castigos físicos fossem abolidos, eles foram mantidos como método disciplinador e utilizados para corrigir alunos que cometiam faltas consideradas graves.

Os castigos eram uma forma de manter a disciplina para que o aluno aprendesse e recebesse uma formação integral, isto é, com noções morais, sociais e cívicas. O aluno que concluía o ensino primário no Grupo Escolar “Padre Anchieta” tinha que saber ler, escrever, ter noções de matemática e, sobretudo, saber cuidar de si, seguindo regras morais, sociais, com grande espírito patriótico e desta forma receberia uma educação integral.

Além das regras disciplinares e conteúdo programático havia uma grande preocupação com a divisão dos horários e períodos, pois diretores e professores sempre destacavam a importância de uma rotina, de ensinar o cumprimento de tarefas estabelecidas e dirigidas com horários cronometrados e a importância da racionalização do trabalho para esse novo modelo de organização administrativo-pedagógica da escola primária baseada na graduação escolar.

Segundo Souza (1999) o grupo escolar foi criado no Estado de São Paulo no interior do projeto republicano e representava inovações na organização administrativa, pedagógica e arquitetônica concebidas na “racionalidade científica” e na “divisão do trabalho”. Nas palavras da autora:

Esta modalidade de escola primária foi implantada, pela primeira vez no Brasil, no estado de São Paulo em 1893 e correspondeu, na época, a um novo modelo de organização administrativo-pedagógico da escola primária com base na graduação escolar - classificação dos alunos por grau de adiantamento – no estabelecimento de programas de ensino e da jornada de aula em um mesmo edifício-escola para atender a um número de crianças, na divisão do trabalho e em critérios de racionalização, uniformidade e padronização do ensino. (SOUZA,1999, p.104).

A articulação entre o Grupo Escolar e a cidade de Pilar do Sul dava-se por intermédio de campanhas, exposições, festas, atos cívicos, abertas à participação de toda a população da cidade.

As atividades mais freqüentes eram: festivais de música, poesia e jogos, principalmente na semana da criança, na semana pan-americana e no dia 19 de março, dia do Patrono do Grupo Escolar.

Com grande pompa, respeito e admiração foi comemorado no dia 19 de março, o dia do Patrono do estabelecimento. Desenvolveu-se nesse dia extenso programa de comemoração, onde procurou salientar e rememorar o primeiro mestre brasileiro – Anchieta. (Livro de Visitas, s/n).

Todos os finais de ano, nas festas de encerramento do ano letivo, aconteciam a exposição de trabalhos realizados pelos alunos e a grande festa para diplomar os alunos que concluíam o 4º ano primário.

A festa de formatura acontecia com a presença das autoridades locais que eram convidadas a entregar os diplomas aos alunos, e era seguida de um grande almoço de confraternização com a presença de professores e alunos.

De 23 a 31 de março de 1959, realizou-se uma Campanha em prol da Saúde e Nutrição, obedecendo à Circular nº 17 do Departamento de Educação, que salientava a importância da boa alimentação para vida e, com auxílio do Diretor Médico Chefe do Posto Médico de Saúde do município, foram destacados os inconvenientes da má alimentação.

De 22 a 27 de agosto de 1960, seguindo instruções do Diário Oficial de 11 de agosto, foi realizada a campanha educativa de bons dentes, que enfatizava a importância da higiene bucal e tentava, assim, diminuir o número de desdentados, com a colaboração do Sr. Cirurgião Dentista do estabelecimento de ensino.

As datas cívicas brasileiras eram festejadas com atos cívicos em praça pública, com a participação de todos os alunos, professores e autoridades. Nesses atos recitavam, cantavam e discursavam em homenagem à Pátria.

Ao analisar as atas das reuniões pedagógicas dos diferentes períodos, foi possível caracterizar o Grupo Escolar “Padre Anchieta” como uma instituição com Grande preocupação com a “formação integral dos alunos”.

Os alunos japoneses ou descendentes além de freqüentarem o grupo escolar, freqüentavam a escola japonesa que para os pais vinha complementar a formação das crianças, proporcionando condições para viver no Brasil e no Japão, além de manter viva a tradição japonesa.

A Escola de Língua Japonesa e Internato

Nas colônias um dos principais objetivos era a educação dos filhos e promover a cooperação entre os membros da comunidade. Antes mesmo de sedes de associações para seus encontros comunitários e sociais, os japoneses procuravam construir a escola. Era aí que se reuniam para discutir os problemas da comunidade ou simplesmente comer e beber (Handa 1987).

Na colônia “Sertão” em 1949, com dez famílias, foi fundada a primeira *seinenkai* (associação dos jovens) onde começou a funcionar em 1950 a primeira escola japonesa. O professor Yoshitani ensinava para as crianças a língua escrita e as tradições japonesas. Era uma pequena escola construída com a sobra da madeira que foi retirada onde foram cultivadas as plantações.

Segundo vários autores, no início da imigração a escola construída pelos japoneses, principalmente nas colônias, não exigia muitos gastos. Dependendo do caso servia uma casa de pau-a-pique, sendo as paredes de barro, a cobertura de sapé e o chão batido. Se o número de alunos fosse pequeno, as aulas podiam ser ministradas em alguma casa particular. A escola da colônia “Sertão” está próxima a essas características.

A escola japonesa da colônia “Sertão” foi fechada após o falecimento do professor Yoshitani e voltou a funcionar em 1952 com o professor Soichi Yoshiba, que após fundar um curso noturno na cidade, na casa do Guiti Watanabe e no barracão do Omori, começou ir de bicicleta lecionar na colônia “Sertão” e na “Barra”.

Após dois anos viajando de bicicleta e com a fundação do Kaikan na cidade, o professor Soichi Yoshiba passou a residir na colônia “Barra”, onde continuou ensinando a língua japonesa e freqüentemente organizava festas da cultura japonesa e sessões de cinema mudo no sitio do Ushijima.

Em 1953 a direção do Grupo Escolar “Padre Anchieta” reuniu os pais japoneses no Kaikan da cidade e comunicou que o ensino de língua estrangeira estava proibido para as crianças menores de 12 anos e quem desrespeitasse a lei poderia ser preso. A direção do Grupo Escolar comunicou os pais três vezes, mas as aulas eram dadas clandestinamente em casas de colonos da zona rural e, a partir de 1956, na garagem da Cooperativa Agrícola de Cotia, no centro da cidade.

Em 1959, o Kaikan adquiriu da Cooperativa Agrícola Cotia um terreno onde em 1962 passaram funcionar o internato e a escola de língua japonesa.

Os imigrantes japoneses consideravam muito importante que as crianças estudassem principalmente a língua e as tradições japonesas. Surge nessa época desejo de que os mais jovens retornassem ao Japão e, para que isso fosse possível, as crianças deveriam ter a formação exigida para viver no Brasil e a formação para poderem viver no Japão.

A escola japonesa e o internato surgem para suprir essa necessidade. As crianças das famílias dos imigrantes que moravam próximas à cidade estudavam no Ginásio Estadual de Pilar do Sul, ou no Grupo Escolar “Padre Anchieta”, e também na escola japonesa. No final da tarde retornavam para suas casas. As crianças que moravam distantes da cidade ficavam internas na escola japonesa, saindo do internado apenas para freqüentar as aulas do Ginásio do Estado de Pilar do Sul.

A escola japonesa possuía dois professores, um de cada sexo, para lecionar para uma média de 150 alunos.

A questão da hierarquia era muito importante na Escola de Língua Japonesa e Internato, pois era uma forma de manter a disciplina e criar hábitos para vida na família e na sociedade. Na cultura japonesa o respeito aos mais velhos é muito importante, quando alguém de mais idade fala o mais jovem obedece sem discutir.

A disciplina era rígida com horários seguidos com precisão e toda atividade a ser realizada tinha um ritual demonstrando o respeito. Respeito a quem tem mais idade, conseqüência mais experiência, ao imperador, a família, aos costumes e tradições.

Boa parte dos alunos mesmos os não internos realizavam suas refeições na escola. No horário marcado todos deveriam entrar em fila, em silêncio, posicionar-se próximo ao seu lugar, esperando a ordem do professor ou responsável para se sentar e em seguida servir a refeição. Após cada refeição também deveria esperar o comando para levantar-se e se retirar todos juntos em silêncio e o espaço onde foram realizadas as refeições tinha que ser deixado em perfeita ordem.

Para que a disciplina fosse mantida, eles utilizavam castigos corporais. As crianças que não seguissem as regras disciplinares como o cumprimento de horários, o silêncio em sala, o respeito aos mais velhos, o culto ao imperador do Japão, eram

castigadas principalmente apanhando com varinhas de marmelo ou ajoelhando no milho.

Na escola japonesa era ensinada a língua japonesa principalmente a língua escrita, pois ainda era comum que as famílias em suas casas falassem a língua japonesa, a escola também se preocupava com noções de patriotismo ao Japão e com o desenvolvimento de habilidades corporais.

Os horários do internato influenciavam nos horários de aula do Ginásio de Estado de Pilar do Sul, pois se a escola japonesa oferecesse às aulas em um determinado horário, o ginásio pressionado pelos pais dos alunos, tinha que se ajustar a esse horário e oferecer as aulas num horário que permitisse que os alunos da escola japonesa pudessem freqüentar o ginásio.

A escola japonesa organizava três grandes festas ao longo do ano: a comemoração do aniversário do Imperador do Japão, a festa da colheita e a comemoração do ano novo.

A festa em comemoração ao aniversário do Imperador do Japão era a mais importante. Nessa ocasião os alunos realizam juramentos de lealdade ao imperador, apresentações de cantos, danças e competições esportivas.

A festa em comemoração a colheita era momento de agradecer a boa colheita e confraternizar depois de meses de trabalho. As festas reuniam os alunos e os pais eram momentos onde os trabalhos escolares eram expostos, os alunos e os pais faziam apresentações de música e danças japonesas e cada família trazia diferentes pratos para serem compartilhados durante as festas.

Os alunos estudavam a língua japonesa, cálculo, geografia e história do Japão. As atividades não eram divididas em disciplinas como descrevi anteriormente elas compunham um bloco de atividades. Além dos conteúdos regulares a escola oferecia cursos como de corte costura para meninas, palestras com técnicos das cooperativas e atividades para os idosos. Os exercícios de grafia, os cantos e os exercícios físicos eram práticas diárias. As práticas de exercícios físicos tentavam seguir a disciplina dos soldados do imperador. Havia uma atenção especial ao atletismo.

Os exercícios da grafia eram essenciais para o bom entendimento da língua, então os trabalhos tinham sempre que ser feitos com extrema organização e capricho.

Procedendo com disciplina e seguindo dentro do possível diretrizes das escolas do Japão os professores consideravam que estavam desenvolvendo a mente, o corpo e alma da criança, mantendo as tradições e oferecendo subsídios para tivesse condições de viver no Brasil e no Japão.

No início da década de 70 a escola japonesa e o internato foram fechados por falta de professores. Em 1979 a escola japonesa mudou para o prédio novo (atual sede do KAIKAN), e deixou de receber alunos internos.

Assim como a Escola de Língua Japonesa e Internato foi uma conquista importante para população pilarense, principalmente para os imigrantes japoneses e descendentes, o Ginásio Estadual de Pilar do Sul também foi motivo de orgulho para boa parte da população.

O Ginásio Estadual de Pilar do Sul

Após a aprovação do projeto de fundação do Ginásio Estadual e sansão do governador, a Câmara Municipal, envia ao governo do estado o ofício nº 43/58 (10 de novembro de 1958), agradecendo a criação do ginásio e a autorização para a construção do prédio, acontecimentos que, segundo a Câmara Municipal, “...vieram encher de alegria o coração dos pilarenses, alegria que os nossos eleitores externaram em 3 de outubro, com retumbante vitória aqui do candidato situacionista, Professor Cavalho Pinto”.

O Ginásio Estadual de Pilar do Sul começou a funcionar em 02 de março de 1959, num período de grande expansão do ensino secundário no estado de São Paulo, principalmente do ensino de 1º ciclo, o ginásio, e de várias transformações no município de Pilar do Sul. A iniciativa de criação do ginásio em Pilar do Sul partiu da Câmara de Vereadores com apoio das famílias cujos pais tinham maior escolaridade.

O Ginásio Estadual de Pilar do Sul apesar de ser uma escola mista, nos primeiros anos de funcionamento, as classes e horários eram separados por gênero, havia uma constante preocupação para que os alunos não tivessem nenhum contato com as alunas.

Em relação às disciplinas que eram oferecidas a carga horária era igual, porém os conteúdos tinham algumas diferenças entre as classes femininas e masculinas. Disciplinas como matemática, trabalhos manuais e educação física eram direcionados

conforme o gênero. Em matemática, os meninos, além do conteúdo básico exigido por lei também tinham um aprofundamento em matemática financeira e para o comércio, enquanto que para as meninas além dos conteúdos básicos enfatizava-se economia doméstica. Na disciplina trabalhos manuais os meninos trabalhavam com marcenaria e as meninas com prendas do lar.

As separações de atividades entre gênero começaram a diminuir em 1961 com a composição de salas mistas. Um ponto interessante a destacar em relação às salas mistas é que elas não começaram a ser organizadas desta forma, porque a equipe escolar tinha começado a aceitar a igualdade dos gêneros, pelo contrário o ginásio continuava sendo uma escola que propunha oferecer formação com direcionamentos diferentes, mas com o grande número de repetência e evasão foi obrigado a organizar salas mistas, porém sempre tentando manter pelo menos o primeiro ano ginasial com turmas separadas por gênero.

Apesar de todas as regras disciplinares impostas pela equipe escolar e a constante preocupação de separar os alunos por gênero, os alunos sempre encontravam uma forma para burlar as regras, pois para o corpo discente não havia a diferença entre gênero, eles compunham um grande grupo, sempre prontos a aprender e encontrar diferentes formas de traquinagens.

Segundo Cecília, inspetora de alunos, as regras disciplinares que os alunos tinham que cumprir eram rígidas. A disciplina começava no horário de entrada da escola, quando o ginásio ainda dividia o prédio com o grupo escolar. Nessa ocasião os alunos tinham que cumprir as regras do grupo escolar, fazendo filas para irem para as salas sempre em silêncio. Com a mudança para o prédio próprio, o ginásio passou a ter seu próprio regimento interno.

Cecília era quem badalava o sino, que era manual. Às 6h45min, os alunos tinham que ir para a sala de aula. Quando soava o segundo badalo todos deveriam estar sentados e deveriam levantar-se com a entrada do professor, o que acontecia às 7h05min, quando soava o terceiro badalar do sino.

Antes de o primeiro badalar do sino, Cecília e o diretor ficavam a porta de entrada verificando os uniformes dos alunos. Nenhum aluno podia entrar com falta de alguma peça do uniforme.

O uniforme dos meninos era calça cumprida, camisa branca com distintivo da escola, meias-branca, sapato preto, cinto preto e jaqueta de xantungue. O das meninas era saia com pregas, camisa branca com distintivo da escola, meias-branca, sapato preto, cinto vermelho e jaqueta de xantungue.

O uniforme era inspecionado todos os dias e mesmo quando os alunos justificavam o motivo da falta de alguma peça do uniforme, não podiam entrar.

Nos prontuários dos alunos, encontrei correspondência dos pais dirigida ao diretor. O assunto mais freqüente era o uniforme dos alunos. Os pais enviam recados e cartas justificando a falta de alguma peça do uniforme.

Apesar de todas as regras que regiam a rotina escolar do Ginásio Estadual de Pilar do Sul, os alunos sempre encontravam alguma maneira para burlá-las.

De acordo com as lembranças da Cecília, a inspetora de alunos, as traquinagens eram freqüentes. Ela relata que um dia o aluno Norio Yonemura roubou o sino da escola e ninguém encontrava; depois de anos, o responsável pelo internato da escola japonesa devolveu o sino ao ginásio, que estava escondido em uma das dependências do internato.

Outra lembrança marcante para Cecília foi quando alguns alunos em um sábado entraram na escola, beberam todos os refrigerantes do diretor Wilson Muscari e urinaram nas garrafas. Quando descobriram quem eram os responsáveis pela traquinagem, o diretor chamou os pais, mas não expulsou os alunos porque considerava que o ocorrido era uma brincadeira de criança.

Cecília inspetora, era a responsável pelo soar do sino e para isso ficava atenta ao relógio do corredor de entrada da escola. Dentre as traquinagens mais freqüentes, destaca-se a seguinte: Samuel, que era o mais alto aluno da escola carregava Silvinha nos ombros para que ela adiantasse o relógio. Cecília não percebia e os alunos saíam mais cedo.

Em sala de aula era frequente alguém desenhar um amigo e passar para toda a sala menos para o colega que teria sido desenhado. Essa brincadeira era chamada de “Passe e Tussa”. Pois deveria receber o desenho, olhar, passar e tossir.

Nas aulas de Canto Orfeón enquanto a professora regia os alunos, um aluno ficava atrás da professora, imitando seus gestos; quando ela mandava parar, o aluno dava sinal para que os demais continuassem e a professora sempre ficava muito brava.

Outra brincadeira era chegar mais cedo, à escola e ficar na janela do pavimento superior esperando os amigos chegar e, de lá, ficar cuspindo na cabeça deles.

Os meninos também adoravam espiar as aulas de Educação Física. As aulas de Educação Física eram no período inverso. O uniforme de Educação Física, para as meninas, era short azul com elásticos nas pernas e camisa branca. Para não caminhar pelas ruas da cidade apenas de shorts, elas usavam uma saia por cima do short que tiravam quando chegavam à escola. Enquanto as meninas participavam da aula, os meninos roubavam as saias e amarravam todas juntas. Quando a aula acabava, era o maior alvoroço para encontrar a saia e, ainda, desatar os nós.

Os alunos se organizavam no Grêmio Estudantil que era uma entidade representativa dos alunos, sem caráter político e religioso em quaisquer de suas atividades. Suas atividades deveriam “... servir ao desenvolvimento moral, social, intelectual e esportivo dos seus sócios”, podendo intervir nos problemas internos entre escola e corpo discente, e, sempre que possível, promover a difusão da cultura, reuniões sociais, educativas, esportivas, atos de assistência ao estudante pobre e vendas de livros a preços de custo. Os sócios do Grêmio tinham o direito participação nas festas, fazer propostas à diretoria, votar e ser votado para qualquer cargo e a ter uma carteirinha de associado. Tinha o dever de aceitar desempenhar cargos e comissões para os quais fossem eleitos, pagar anuidade, manter o respeito entre os sócios, excluir assuntos políticos e religiosos das atividades do grêmio, cumprir o estatuto, promover o crescimento do grêmio e estar quites com as contribuições.

Outra organização dos alunos era o Órgão de Cooperação Escolar que tinha por finalidade manter a união entre os alunos, ser mediador entre pais, mestre e amigos da escola, tomar iniciativas para privilegiar socialmente e materialmente a instituição, oferecer assistência aos alunos, organizar intercâmbio cultural, esportivo e recreativo, patrocinar festas culturais e cívicas, conceder bolsas de estudos, arrecadar fundos e donativos para a instituição, era mantido financeiramente com doações e arrecadações de festas e atividades culturais.

Todos os ex-alunos com os quais conversei relembram com muito entusiasmo a época que estudaram no Ginásio Estadual de Pilar do Sul. A convivência com professores, funcionários e amigos marcou suas vidas; mas, o que eles recordam com maior alegria, são as traquinagens escolares.

Considerações finais

Apresentei de forma breve um pouco da caminhada da pesquisa que está sendo realizada, retratando algumas das práticas escolares do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, Escola Japonesa e Internato, e Ginásio Estadual de Pilar do Sul.

Investigar as práticas escolares está contribuindo para analisar as culturas escolares de cada instituição e a íntima aproximação entre as práticas das diferentes escolas e assim analisar o campo escolar de Pilar do Sul e as possíveis mudanças na cultura escolar após a chegada da imigração japonesa.

Analisando as práticas de cada escola pode se observar alguns pontos de aproximação entre elas principalmente referente a preocupação com a formação integral do aluno, composta por valores morais e cívicos e a utilização de regras rígidas como um mecanismo para auxiliar a formação do aluno.

Enfim, percorrer um pouco das práticas escolares proporcionou mergulhar em lugares, vivências, ações, registros, indícios e memórias guardadas ou silenciadas nos mais diversos lugares e assim começar a compor uma leitura deste emaranhado que compõe a história do Grupo Escolar “Padre Anchieta”, da Escola de Língua Japonesa Internato e Ginásio Estadual de Pilar do Sul que fizeram ou fazem parte do imaginário de várias gerações de Pilar do Sul.

Referências Bibliográficas.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira Republica*. Passo Fundo: UPF, 2000.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: Histórias de sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: *Historia e memória*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1990.

MAUAD, Ana Maria. *Fotografia e história: possibilidades de análise*. In: CIAVATA, MARIA E ALVES, Nilda (orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social*. História, Comunicação e Educação. São Paulo: Cortes, 2004; p. 19-36.

PASSINI, Elza Yasuko. *Japão, Que país é este*. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Ed. Lê, 1996.

SPOSITO, Marília Pontes. *O povo vai à escola: a luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo*. São Paulo: Loyola, 1984.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890-1910)*. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

VALIO, Jairo. *Nascente da Águas*. Itu: Editora Ottoni, 2005.

VIDAL, Diana Gonçalves. *Cultura e práticas escolares: a escola como objeto de pesquisa*. In: *Cultura escolares. Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, Final do século XIX)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005

VINÃO FRAGO, Antonio. *Por uma historia de la cultura escolar, enfoques, cuestiones, fuentes*. In: FERNANDEZ, Celso Almunia et al. *Cultura y Civilizações*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones e intercambio Cientifico, Universidad de Valladolid, 1998. p. 167 – 183

_____, Antonio. *Sistema educativos, culturas escolares y reformas: continuidad y cambios*. Madri: Morata, 2003

WILLIAMS, Raymond Palmer. *Cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1979, p.304-346.